

GALERIA VERA CORTÊS

Alexandre Farto aka Vhils Intrínseco



2 Fevereiro – 17 Março 2018

2 February – 17 March 2018

“Precisar tornar-se o que já se é é a característica da vida moderna – (...) falar da individualização e da modernidade é falar de uma e da mesma condição social.”

Zygmunt Bauman, Modernidade Líquida

Se a cidade contemporânea pode ser equiparada a um organismo em constante mutação, a dinâmica transformadora que a caracteriza – traduzida num ritmo de perpétuo desenvolvimento e regeneração, destruição e construção, que determina a sua voraz expansão – não parte da sua própria iniciativa. Com efeito, são os seus habitantes que concebem e efectuam estas transformações – as suas aspirações, ideais e necessidades, imprimindo forma e propósito ao seu espaço e configuração, ao mesmo tempo que são moldados e configurados por ela. Este processo de moldagem recíproca – através do qual o indivíduo e o meio circundante desenvolvem um carácter comum –, assim como a afirmação da condição urbana como a condição humana presente por excelência e as suas implicações para a formação da identidade moderna, têm sido centrais à reflexão que Alexandre Farto (n. 1987) tem vindo a desenvolver ao longo da última década na sua prática artística.

Recorrendo com frequência a processos e técnicas pouco convencionais na dissecção de elementos vários provenientes do espaço urbano – tanto materiais, como humanos – com o objectivo de examinar a natureza das sociedades urbanas contemporâneas, Alexandre Farto, que também assina como Vhils – um criptónimo que reflecte as suas raízes na cena do graffiti ilegal –, tem feito da fértil complexidade da cidade moderna o tema central de uma obra que tem vindo a afirmar-se como uma asserção artística significativa sobre a condição humana presente.

Apesar de se enquadrar nesta indagação maior que tem dominado o seu interesse, a instalação que aqui vemos em “Intrínseco” lança um olhar mais introspectivo sobre o impacto de um mundo urbano cada vez mais homogeneizado no processo de formação da identidade individual, sublinhando as consequências da enorme mudança paradigmática que tem caracterizado o plano da modernidade tardia pós-ideológica de uma condição fundamentalmente local e colectivista (orientada para o bem-estar comum) para uma condição essencialmente global e individualizante (orientada para o bem-estar

individual). Sublinha ainda as contradições inerentes a esta individualização na forma da adopção de práticas de desenvolvimento insustentável e as repercussões destrutivas – tanto para o planeta, como para a própria espécie humana – que daí advêm, e que, em última instância, podem ser vistas como uma espécie de processo autofágico irreflectido. Sublinha, em suma, um distanciamento preocupante daquilo que, no decurso do desenvolvimento humano, tem sido intrínseco à nossa natureza (e, como tal, à nossa identidade), em resultado de um processo brutal e fracturante.

Fundamental para o entendimento da indagação autoral de Alexandre Farto em geral, e da reflexão que aqui apresenta em particular, é a importância que o artista tem dado ao conceito de camadas constituintes, que o próprio entende como uma visão esquemática que o ajuda a dissecar e a estudar os vários estratos (materiais e imateriais) que compõem a realidade, incluindo as pessoas e as suas experiências e impressões formativas.

Neste âmbito, esta reflexão é aqui apresentada sob forma de uma instalação que ocupa o espaço da galeria com um conjunto de peças produzidas em placas de PVC flexível e transparente que se encontram suspensas do tecto, as quais, no seu todo, configuram uma representação interactiva que permite ao observador deambular por entre os vários componentes cénicos que a constituem. Cada um destes apresenta uma composição visual impressa com vários motivos – incluindo rostos, padrões gráficos e geométricos, paisagens urbanas, ou elementos de sinalização –, isolados ou em aglutinação dissonante. Na medida em que a disposição das várias peças e a sua natureza transparente permitem agregar e combinar elementos de acordo com o ponto de vista do observador, a instalação revela-se como uma experiência mutante onde cada um poderá formar diferentes leituras com várias profundidades em função da sua própria percepção e do seu posicionamento no espaço cénico. A própria diferenciação entre a cor preta dominante presente nas composições estruturais, e as cores berrantes dos motivos de sinalização, cria uma outra leitura de contrastes, onde o choque visual nos transmite a estridência de estímulos colidentes a que estamos constantemente sujeitos no espaço público.

O conjunto temático aqui disposto é fruto de uma recolha de retratos e elementos visuais oriundos de vários pontos do mundo onde o artista tem trabalhado, criando por sua vez um diálogo de semelhanças e contrastes que funciona por justaposição e sobreposição e

que compõe uma narrativa que nos fala de encontros e desencontros entre as especificidades locais e a crescente uniformização do mundo actual.

Se a leitura dos conteúdos nos remete para vários dos elementos que actuam sobre a identidade individual nas sociedades urbanas contemporâneas (tal como o ruído visual que encontramos no espaço da cidade, por exemplo), a disposição espaçada das formas expressa uma materialização do conceito de camadas constituintes que tem sido transversal à obra de Alexandre Farto. Se o grosso das composições tem por base um trabalho de criação digital – reflectindo a coincidência entre o desenvolvimento da era digital e a emergência da condição individualizante –, este é contrastado, aqui e ali, com alguns elementos pintados à mão que nos remetem para a ideia de expressão livre e anónima presente na cidade, a qual, por sua vez, tem adoptado formatos cada vez mais gráficos – fruto, também ele, deste crescente processo de digitalização. Com um toque humano muito filtrado, “Intrínseco” é, pois, uma reflexão sobre aquilo que nos compõe e sobre aquilo que nos rodeia num mundo crescentemente artificial, cada vez mais afastado da nossa própria essência.

Este corpo de trabalho inteiramente novo constitui, assim, um desvelar do próprio processo de trabalho e dos conceitos que o artista tem vindo a explorar no decurso da sua prática – uma acção que nos remete ainda para uma abordagem pós-estruturalista onde o entendimento de um determinado objecto exige tanto uma análise do mesmo como do próprio sistema que o produziu. Ao querer examinar a propriedade intrínseca da identidade humana, Alexandre Farto convida-nos, deste modo, a focar naquilo que, de forma simbólica, se encontra na sua essência. Pese embora o facto de que aqui o faz segundo um modo relacional em função da sua ligação com alguns dos elementos extrínsecos que a determinam no presente.

A presente exposição expressa uma intenção clara de nos fazer considerar a condição humana moderna em face da complexidade entrópica da cidade. Neste sentido, “Intrínseco” é tanto um olhar analítico sobre as características da vida urbana contemporânea – global e individualizante –, como um gesto poético que sublinha a transformação identitária que se encontra no âmago deste novo capítulo no desenvolvimento humano.

Como o próprio artista afirma:

“Intrínseco é uma reflexão sobre a nossa superfície. Aquilo que é opaco e aquilo que é transparente. O que nos permite ver e o que nos permite absorver ou ser absorvido. O constante fluxo de influências nos tempos que vivemos, em que nada daquilo que nos forma, nos faz ser. O vazio daquilo que nos constitui e nos forma. A reflexão de um mundo global que tanto nos dá e que no final nos torna transparentes e nos confunde. O acumular de camadas que nos tentam constituir acaba por desconstituir. Do colectivismo ao individualismo. Do visceral e a sua relatividade. Do que abdicamos em nome do nosso conforto.”



Exhibition view: Alexandre Farto aka Vhils, *Intrínseco*, 2018

“Needing to become what one is is the feature of modern living – (...) to speak of individualization and of modernity is to speak of one and the same social condition.”

Zygmunt Bauman, *Liquid Modernity*

If the contemporary city can be equated to an organism in constant mutation, the transformative dynamics that characterise it – expressed as a rhythm of perpetual development and regeneration, destruction and construction, that determines its voracious expansion – do not arise of its own accord. In effect, it is its inhabitants who conceive and enact these transformations – their aspirations, ideals and needs imprinting form and purpose to its space and configuration, while also being moulded and configured by it at the same time. This process of reciprocal shaping – by which both the individual and the surrounding environment develop a shared character –, as well as the affirmation of the urban condition as the quintessential present human condition and its implications to the forging of modern identity, have been key to the reflection which Alexandre Farto (b. 1987) has been developing over the last decade in his artistic practice.

Resorting frequently to unconventional processes and techniques in the dissection of various elements sourced from the urban space – both material and human in nature – with the objective of examining the essence of contemporary urban societies, Alexandre Farto, who also signs as Vhils – a cryptonym that reflects his roots in the illegal graffiti scene –, has made the fertile complexity of the modern city the central theme of an oeuvre that has been asserting itself as a significant artistic statement on the present human condition.

Despite falling into the context of this larger indagation that has dominated his interest, the installation seen here in “Intrínseco” casts a more introspective gaze on the impact of an increasingly homogenised urban world on the process of formation of individual identity, highlighting the consequences of the huge paradigmatic shift that has characterised the plane of post-ideological late modernity from a fundamentally local and collectivist condition (oriented towards common well-being) to an essentially global and individualising condition (oriented towards individual well-being). It further highlights the contradictions inherent to this individualisation in the form of the adoption of unsustainable development practices and the destruc-

tive repercussions – to both the planet and the human species itself – they entail, and which can ultimately be seen as a type of thoughtless autophagic process. It highlights, in short, a disturbing distancing from that which, in the course of human development, has been intrinsic to our nature (and, as such, to our identity), as a result of a brutal and divisive process.

Crucial to the understanding of Alexandre Farto's authorial indagation in general, and the reflection he presents here in particular, is the importance which the artist has been placing on the concept of constitutive layers, which he perceives as a schematic view that helps him dissect and study the many strata (both material and immaterial) that compose reality, including people and their formative experiences and impressions.

Within this scope, this reflection is presented here in the shape of an installation that takes up the gallery's space with an ensemble of pieces produced in flexible and transparent PVC sheets suspended from the ceiling, which, as a whole, configure an interactive representation that enables the viewer to wander among the various scenographic components that constitute it. Each of these features a visual composition printed with various motifs – including faces, graphic and geometric patterns, urban landscapes, or signage elements –, isolated or in dissonant agglutination. As the arrangement of the various pieces and their transparent nature allow for the aggregation and combination of elements depending on the viewer's point of view, the installation reveals itself as a mutating experience where each can form different readings with varying depths according to their own perception and placement in the scenic space. The very differentiation between the dominant black hue present in the structural compositions, and the garish colours of the signage motifs, creates another reading of contrasts where the visual clash conveys upon us the stridency of colliding stimuli to which we are constantly subjected in the public space.

The thematic ensemble displayed here is the result of a gathering of portraits and visual elements from various locations around the world where the artist has worked, creating in turn a dialogue of similarities and contrasts that works by juxtaposition and superimposition and which creates a narrative that speaks of connections and disconnections between local specificities and the growing homogenisation of the current world.

If the reading of the contents refers us to various of the elements that act upon individual identity in contemporary urban societies (such as the visual noise we find in the city's space, for instance), the spaced arrangement of the forms expresses a materialisation of the concept of constitutive layers that has been transversal to Alexandre Farto's oeuvre. If the bulk of the compositions is based on digital creation work – reflecting the coincidence between the development of the digital era and the emergence of the individualising condition –, this is contrasted, here and there, with some hand-painted elements that refer us to the idea of free and anonymous expression present in the city, which, in turn, has also been adopting increasingly graphic formats – it too a result of this growing process of digitalisation. With a rather filtered human touch, “Intrínseco” is therefore a reflection on what composes us and on what surrounds us in an increasingly artificial world, more and more distant from our very essence.

This entirely new body of work thus constitutes an unveiling of the very work process and the concepts which the artist has been exploring in the course of his practice – an act that further refers us to a Post-structuralist approach by which the understanding of a given object demands an examination of both the object itself and the very system that produced it. By wanting to look into the intrinsic property of human identity, Alexandre Farto invites us in this way to focus on that which, in a symbolic way, lies in its essence. Notwithstanding the fact that he does so here by way of a relational method based on its connection with some of the extrinsic elements that determine it in the present.

The current exhibition expresses a clear intent to make us consider the modern human condition in face of the entropic complexity of the city. In this sense, “Intrínseco” is both an analytical look at the characteristics of contemporary urban life – global and individualising – and a poetic gesture that highlights the identitarian transformation at the heart of this new chapter in human development.

As the artist himself states:

“Intrínseco is a reflection on our surface. That which is opaque and that which is transparent. What allows us to see and what allows us to absorb or be absorbed. The constant flow of influences in this day and age, in which none of the things that form us, makes us be. The emptiness of what constitutes us and forms us. The reflection of

a global world that gives us so much yet in the end makes us transparent and leaves us confused. The accumulation of layers that try to form us ends up deforming us. From collectivism to individualism. Of the visceral and its relativity. Of what we renounce in the name of our comfort.”







Intrínseco #5, 2018

Impressão a jacto de tinta piezoelétrica com cura por UV sobre película de cristal transparente / Tinta spray aplicada com stencil sobre película de cristal transparente

Piezoelectric inkjet print dried with UV light on transparent crystal film / Spray paint applied with stencil on transparent crystal film

3 x (285 x 138) x 40 cm

Intrínseco #4, 2018

Impressão a jacto de tinta piezoelétrica com cura por UV sobre película de cristal transparente / Tinta spray aplicada com stencil sobre película de cristal transparente

Piezoelectric inkjet print dried with UV light on transparent crystal film / Spray paint applied with stencil on transparent crystal film

2 x (285 x 138) x 40 cm









Intrínseco #6, 2018

Impressão a jacto de tinta piezoelétrica com cura por UV sobre película de cristal transparente / Tinta spray aplicada com stencil sobre película de cristal transparente

Piezoelectric inkjet print dried with UV light on transparent crystal film / Spray paint applied with stencil on transparent crystal film

2 x (285 x 138) x 40 cm



Intrínseco #7, 2018

Impressão a jacto de tinta piezoeléctrica com cura por UV sobre película de cristal transparente / Tinta spray aplicada com stencil sobre película de cristal transparente

Piezoelectric inkjet print dried with UV light on transparent crystal film / Spray paint applied with stencil on transparent crystal film

2 x (285 x 138) x 40 cm







Alexandre Farto aka Vhils
Lisboa, 1987

Alexandre Farto aka Vhils, desenvolveu uma linguagem visual singular com base na remoção das camadas superficiais de paredes e outros suportes através de ferramentas e técnicas não convencionais. Começou a interagir com o espaço urbano através da prática do graffiti no início da década de 2000. Descascando as camadas da nossa cultura material como um arqueólogo urbano contemporâneo, Vhils reflecte sobre o impacto da urbanidade, do desenvolvimento e da uniformização global sobre as paisagens e a identidade das pessoas. Destruindo para criar, Vhils formula proposições visuais poderosas e poéticas a partir de materiais que a cidade rejeita, humanizando zonas deprimidas com os seus comoventes retratos em grande escala. Desde 2005, tem apresentado o seu trabalho à volta do mundo em exposições, eventos e outros contextos – do trabalho com comunidades nas favelas no Rio de Janeiro a colaborações com reputadas instituições como a Fundação EDP (Lisboa), Centre Pompidou (Paris), Barbican Centre (Londres), CAFA Art Museum (Pequim), ou o Museum of Contemporary Art San Diego (San Diego), entre outras. Um ávido experimentalista, além da sua inovadora técnica de escultura em baixo-relevo, Vhils tem desenvolvido a sua estética pessoal numa multiplicidade de suportes: da pintura com stencil à gravura em metal, de explosões pirotécnicas e vídeo a instalações esculturais. Também já realizou vários videoclipes, curtas metragens e uma produção de palco.

O trabalho do Vhils encontra-se representado em diversas colecções públicas e privadas em vários países. Actualmente divide o seu tempo entre Lisboa e Hong Kong.

Alexandre Farto aka Vhils has developed a unique visual language based on the removal of the surface layers of walls and other media with non-conventional tools and techniques. He began interacting with the urban environment through the practice of graffiti in the early 2000s. Peeling back the layers of our material culture like a modern-day urban archaeologist, Vhils reflects on the impact of urbanity, development and global homogenisation on landscapes and people's identities. Destroying to create, he delivers powerful and poetic visual statements from materials the city rejects, humanising depressed areas with his poignant large-scale portraits. Since 2005 he has been presenting his work around the world in exhibitions, events and other contexts – from working with communities in the favelas of Rio de Janeiro, to collaborations with reputed institutions such as the EDP Foundation (Lisbon), Centre Pompidou (Paris), Barbican Centre (London), CAFA Art Museum (Beijing), or the Museum of Contemporary Art San Diego (San Diego), among others. An avid experimentalist, besides his groundbreaking bas-relief carving technique, Vhils has been developing his personal aesthetics in a plurality of media: from stencil painting to metal etching, from pyrotechnic explosions and video to sculptural installations. He has also directed several music videos, short films, and one stage production.

Vhils' work is represented in several public and private collections in various countries. He presently divides his time between Lisbon and Hong Kong.

GALERIA VERA CORTÊS